

## “ESPAÇO DO CAOS”: CONTRADIÇÕES E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

José Marcos SINHORINI\*\*

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Regional

Nível: Mestrado

Para nós, é difícil fazermos uma abordagem sobre **desenvolvimento regional**, relacionando esta linha de pesquisa com as figuras apresentadas, tanto pela complexidade de seus nexos internos, como por seus aspectos mais gerais. Isso nos leva a pensar em momentos da formação e expansão do Modo de Produção Capitalista e seu desenvolvimento desigual e combinado, produzindo espaços desiguais e contradições em sua própria formação.

Considerando estes aspectos, produziremos nosso texto. Abordando inicialmente algumas contradições do Modo de Produção Capitalista na cidade e no campo, em um segundo momento, faremos uma abordagem rápida sobre alguns conceitos geográficos, um pouco do que julgamos relevante sobre um estudo de desenvolvimento regional.

Considerando o curto espaço de tempo que a espécie humana surgiu neste planeta, ou os últimos 200 anos do processo de transformação da natureza, acelerado a partir da Revolução Industrial, ou até mesmo o curto espaço de tempo da expectativa de vida de uma geração, é difícil acreditar, mas estamos diante de um “**espaço caótico**”. Estamos vivendo momentos marcantes da evolução de nossas técnicas, que se de um lado beneficiam alguns, acabam negando a maioria o acesso às mercadorias do “**mundo moderno**”. Como nos afirma Carlos Walter Porto Gonçalves, no

---

\*Tema desenvolvido na seleção do curso de Pós-Graduação em Geografia, nível de mestrado da UNESP de Presidente Prudente-SP, em 2004.

\*\*Professor de Geografia do Ensino Fundamental e Médio da rede pública do estado do Paraná. Mestrando em Geografia na UNESP de Presidente Prudente.

prefácio de **Paixão da Terra**, para uns o Espaço Geográfico é um lugar de morada (Hartshorne), para outros um túmulo (Bunge), onde se morre um pouco a cada dia.

Com o evento da Revolução Industrial, a partir do século XVIII acelera o processo de produção de mercadorias, no qual os trabalhadores também são detentores de mercadoria: a sua força de trabalho. Acelera-se também o processo de mundialização do capitalismo, o qual teve seu início com as grandes navegações no final do século XV, com a chegada dos europeus na América. Com o Pacto Colonial, aprofunda-se ainda mais a mundialização. Sua expressão é ainda maior após a 2ª guerra mundial, quando os países, líderes da industrialização, expandem seus interesses, através de suas empresas, que se instalam em vários países do mundo, impondo a estes um ritmo de crescimento muito acelerado em relação à estrutura que possuíam.

Além de aumentar o grau de dependência e endividamento destas economias, aumentam também os desequilíbrios sócio-ambientais, como é o caso da exploração indiscriminada dos recursos naturais, provocando impactos ambientais tanto na cidade como no campo.

O processo acelerado de industrialização, verificado especialmente após a 2ª guerra mundial, acelerou também o processo de urbanização, entendendo este, segundo Sposito (1997), como o aumento da população que vive nas cidades em relação ao total. Com o crescimento acelerado das cidades, crescem juntos os seus problemas, que quase sempre são de origem estrutural.

No Brasil, com a crise da economia agroexportadora, as cidades que já possuíam um certo dinamismo, como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras, começam ter um crescimento mais acelerado, principalmente, a partir dos anos 60, com a entrada das multinacionais. É apenas na década de 70 que a população urbana ultrapassa a rural, este processo ocorreu de forma desigual, pois dependia da divisão social e territorial do trabalho e da forma como estava estruturado o desenvolvimento das regiões.

As indústrias instalam-se nas cidades e atraem migrantes, a maioria deles oriundos do campo. No geral, não possuem uma mão-de-obra qualificada e acabam contribuindo para o aumento das favelas, entre outros tantos problemas. No Brasil é comum o caso de nordestinos que se deslocam para os grandes centros em busca de melhores condições de vida porque foram expulsos pela modernização do campo, e acabam, muitas vezes, nos lixões, sobrevivendo dos restos do mundo consumista. Muito do que a nossa sociedade chama de lixo, também acaba indo para os rios, ou para lugares inadequados ao seu destino, depreciando a qualidade de vida do ambiente.

Se de um lado ocorre a favelização, ou crescimento horizontal em bairros mais distantes, nas áreas mais centrais ocorre a verticalização. Os grandes centros financeiros das metrópoles possuem dimensões maiores a cada dia, agravando, entre outros, os problemas de transporte, habitação, qualidade do ar, alagamentos, congestionamentos, segurança, etc, enfim esta "**selva de pedra**", ostenta luxo e miséria, o certo e o errado, é o local onde as relações sociais são mais intensas.

Além das contradições sociais que a expansão do capitalismo produziu nas cidades através da industrialização, o campo também é palco destas transformações. Segundo Oliveira (1991), o capitalismo combina formas capitalistas e não capitalistas para se reproduzir e ampliar-se no espaço.

A concentração da propriedade em nossa estrutura fundiária não é algo recente, é fruto da Capitania Hereditária, das doações de Sesmarias, da Lei de Terras de 1850, onde a única forma de adquirir uma área de terra, era com o pagamento, visando a garantia de mão-de-obra, já que teria ocorrido a extinção do tráfico de escravos e cogitava-se a vinda de imigrantes para o trabalho nas lavouras de café, e ainda, passando pela falta de sucesso do Estatuto da Terra da década de 1960, entre tantas tentativas frustradas de reforma agrária, aumenta a cada dia a concentração da propriedade da terra no Brasil.

Segundo dados do Censo Agropecuário do IBGE de 1985, pouco mais de 1% das grandes propriedades (acima de 1000

hectares), detêm mais de 40% da área de terra. As pequenas, que são mais de 50% em números (até 10 hectares), ficam com apenas 3% da área. Além disso, a modernização da agricultura, impulsionada pela chamada “**revolução verde**”, que é um projeto americano, garante a expansão do capitalismo no campo, através do uso de máquinas, sementes selecionadas, fertilizantes, créditos e política de preços mínimos, ou seja, é uma associação do capital comercial, industrial e financeiro, mecanizando o campo brasileiro, garantindo o enriquecimento de uma pequena elite, e a subordinação e expropriação de muitos camponeses, impulsionando-os em direção a nova fronteira de expansão da agricultura.

Para alguns autores como é o caso de Bernardo Sorj, a modernização da agricultura ocorreu de forma mais precoce no estado de São Paulo a partir dos anos 30, com lavouras modernas de cana-de-açúcar e algodão. Já para Brum (1988), a modernização inicia-se no Rio Grande do Sul, em 1950, com o cultivo do trigo e depois da soja, estendendo-se para o Paraná, Mato Grosso do Sul, etc. Enfim, a expansão do capitalismo no campo, vai expulsando o camponês em direção a novas frentes de expansão.

O capitalismo combina e produz formas não capitalistas para garantir sua expansão, como é o caso do trabalho camponês, que para Oliveira (1991), é caracterizado pela força de trabalho familiar, propriedade da terra e dos meios de produção e por uma jornada de trabalho orientada por suas necessidades.

Enfim, ao analisarmos o desenvolvimento regional, é interessante que façamos uma rápida abordagem sobre região, espaço e território. Para Corrêa (1986), a região vai além dos dizeres populares, seu conceito passa por uma evolução no significado do seu objeto, o autor nos apresenta a evolução da base teórico-metodológica da conceituação de região: Região Natural, Região Geográfica, Regiões Simples ou Complexas, Homogêneas e Funcionais, e a região pensada dentro da Geografia Crítica, a partir do materialismo histórico e da dialética Marxista.

Milton Santos (1980), fala do espaço como o resultado do acúmulo de funções e de formas, como o testemunho de uma história

do passado e do presente, ou ainda, o espaço como acúmulo desigual dos tempos. Cada tempo cristaliza no espaço suas funções e formas, são as rugosidades do espaço.

O território é o resultado das relações sociais do e no espaço. Para Raffestin (1993), o espaço é anterior ao território, e, toda vez que se exerce qualquer tipo de poder sobre um espaço, produz-se territorialidades. Milton Santos, afirma, que a expansão do capitalismo produz novas territorialidades e a desterritorialização de muitos excluídos do próprio capitalismo.

Para tanto, diante de algumas reflexões ora feitas, acreditamos no materialismo histórico e dialético, como método capaz de explicar o mundo, a partir de uma visão mais crítica, que permita analisar a essência dos processos sociais na construção do espaço. Assim sendo, devemos nos preocupar com a construção de um espaço mais justo, mais igualitário, um espaço do homem. Como desafio, teremos nossos estudos, pesquisas, novas leituras, além das reflexões do nosso dia-a-dia.